

Para conversar sobre pesquisa

Talking about research

RIVA SATOVSCHI SCHWARTZMAN *

Este artigo discute a questão do empobrecimento da pesquisa em Ciências Sociais, tomando a Psicologia como exemplo. Analisa as propostas feitas por Amedeo Giorgi, na direção de uma metodologia qualitativa de pesquisa, com base nas diretrizes da Filosofia Fenomenológica. Conclui que se devem levantar questões referentes não apenas ao método de pesquisa, mas também se investigarem as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores no cultivo de sua própria curiosidade.

A necessidade sempre renovada de discussão e avaliação do trabalho de pesquisa traz para mim a idéia, que julgo natural, de que algo pode ir melhor com a pesquisa, a idéia de que ela se acha empobrecida. Proponho aqui, contudo, uma reflexão não somente sobre o que há com a pesquisa, mas sobre o que há com o pesquisador. Antecipo, desde já, que meu diagnóstico é que o pesquisador — muito especialmente o pesquisador em Ciências Sociais — sofre de agorafobia. Antes porém que eu seja acusada de estar psiquiatrizando a questão da

* Professora adjunta do Departamento de Psicologia da UFMG. Mestre pela Duquesne University (Pittsburgh, Pa.), USA.

pesquisa, vamos refletir sobre os caminhos que ela tem percorrido. Meu pensamento pessoal a esse respeito baseia-se fundamentalmente em meu trabalho em Psicologia. Imagino contudo que as idéias que trago sejam amplamente generalizáveis para outras áreas das Ciências Humanas.

Como é de conhecimento de todos, as primeiras ciências bem sucedidas — e invejadas — são as Ciências Naturais. Os textos de História das Ciências são pródigos em revelar-nos como o nascimento da ciência moderna deu-se a partir de uma busca angustiada de certeza, contra os perigos acarretados pela ilusão a que pode levar-nos a subjetividade. Descartes, com a construção de seu sistema filosófico, encarna a reação dos de seu tempo em face do trauma de constatar-se que aquilo que aparece como verdadeiro aos sentidos, nem sempre o é. O exemplo mais marcante e famoso disso é a descoberta, longamente negada, de que a Terra gira em torno do Sol, e não o contrário. É na sistematização da desconfiança nas informações dos sentidos que surge uma Ciência Natural muito bem sucedida, como define, por exemplo, R. D. Romanyshyn (1973). Vejamos alguns dos pressupostos básicos das ciências assim construídas:

1. O método científico deve ser empírico: os fenômenos observados devem ser passíveis de definição operacional, traduzível, em última instância, em variáveis quantificáveis.
2. O método científico deve tornar possível o estabelecimento das leis que regem os fenômenos (mais freqüentemente, leis causais), o que deve traduzir-se em relações quantificáveis entre variáveis.
3. O método científico deve proporcionar condições para o estabelecimento de previsões.

4. O método científico deve propiciar a repetibilidade: por seu intermédio, os fenômenos devem ser definidos de forma a poderem ser duplicados por qualquer outro pesquisador.
5. O método deve ser descrito de forma tal a poder ser utilizado por qualquer investigador, sem que as idiossincrasias dessa ou daquela pessoa influenciem a observação do fenômeno sob investigação, ou seja, deve ser independente do pesquisador.

Tomo essa pequena lista de postulações sobre o método científico-natural, de uma lista mais ampla, de autoria de Amedeo Giorgi (1973 a). Escolho justamente esses itens por considerá-los os mais indicativos do que afirmava acima: a preocupação da Ciência Natural em defender-se das incertezas da subjetividade. É visível como resulta daí, de todas essas «medidas de segurança», uma separação sujeito-objeto e, mais especificamente, pesquisador-coisa-pesquisada. Cabe aqui ressaltar que minha escolha de postulados das Ciências Naturais refere-se justamente ao **método**; isso não é acidental. Ela deve-se ao fato de que a consagração dessa praxis científica tomou proporções tais que, muitas vezes, entende-se que fazer ciência é justamente fazer uso do método científico-natural. Uma versão um pouco mais suave desse engano é diagnosticar-se qualquer dificuldade no exercício da praxis científica como uma dificuldade de método e deduzir-se, daí, que a solução consistiria, por exemplo, na criação de uma maior variedade metodológica.

Ao falar acima da consagração da praxis científico-natural, tenho muito presente que, para a nossa discussão, é fundamental o reconhecimento de que foi justamente nessa trilha que as nossas ciências, as ciên-

cias humanas, ensaiaram seus primeiros passos. Seria impróprio e impreciso dizermos que nada foi conseguido nessa direção. Não é essa a queixa em torno da qual organizam-se as discussões sobre pesquisa. A queixa é de estagnação, de empobrecimento, de crise.

A lembrança de que o nascimento da Filosofia Fenomenológica, a partir do trabalho de Edmund Husserl, deu-se justamente pela identificação de uma crise das ciências européias (Husserl, E., 1970) é sempre revivida. Quando esse filósofo incita-nos a uma «volta às coisas mesmas», seu diagnóstico da doença do pensamento ocidental é justamente o de que aquilo que já se sabe — o conhecimento já consagrado — impede que surjam novas fontes de conhecimento. Ele denuncia o que vem a ser conhecido como «atitude natural» do pensamento ocidental: uma imersão na convicção inquestionada de uma ordem do universo regida por leis causais e passíveis de descrição matemática. É evidente que não se pode resumir em poucas palavras toda a riqueza da reflexão que a Fenomenologia faz sobre o pensamento ocidental e, mais especificamente, sobre a produção de conhecimento. Não cabe à presente discussão, por esse motivo, um prolongamento nessa direção; parece-me mais interessante examinarmos a promessa implícita nessa ênfase que a Fenomenologia coloca na crítica à atitude natural: a promessa de retomada da questão da relação entre observador e coisa observada, entre pesquisador e coisa pesquisada.

A postulação fenomenológica da intencionalidade permite-nos depositar boas esperanças nessa direção: ela afirma a inseparabilidade entre consciência e mundo. Não é de minha competência tecer uma avaliação do cumprimento ou não, pela Fenomenologia, de suas promessas. O que pretendo fazer é uma reflexão, mais uma

vez com base em meu estudo em Psicologia, sobre algumas possibilidades de uso, no trabalho de pesquisa, das postulações fundamentais da Fenomenologia. Focalizarei o trabalho desenvolvido por Amedeo Giorgi, ao longo de mais de quinze anos, com vistas à construção de uma Psicologia como Ciência Humana, a partir dos indicadores que se podem captar na obra de Edmund Husserl e, muito especialmente, de Maurice Merleau-Ponty (ver Giorgi, A., 1970; 1973b; 1973c; 1975a; 1975b).

Giorgi constroi a base de seu trabalho sobre dois pontos-chave: um diagnóstico das raízes das dificuldades pelas quais passa a Psicologia, e a indicação da direção da solução de tais dificuldades pela integração da compreensão daquilo que ele denomina a **abordagem** do pesquisador. A dificuldade central da Psicologia (tomando-a aqui, mais uma vez como exemplo generalizável), é, segundo ele, ter-se postulado como ciência no contexto das ciências naturais já consagradas, fazendo-o então, pela adoção simples e irrefletida do método científico-natural, sem uma avaliação sobre a adequação de tal método a seu próprio objeto de estudo. Giorgi mostra como a adoção de um método é também fatalmente a adoção de um conteúdo: ao definirmos que fazer ciência é a aplicação sobre os fenômenos de um tratamento quantitativo, por exemplo, recortamos no universo e elegemos como pesquisáveis apenas aquela gama de fenômenos que seja passível de quantificação. Isso acarreta, evidentemente, uma grande redução no universo do que é pesquisável. Se observarmos com cuidado, veremos que o recorte que se faz a partir dos postulados iniciais da compreensão científico-natural resulta na busca de relações entre variáveis, cujo objetivo é, em última instância, medir essa relação. As perguntas assim

feitas tomam genericamente o modelo de «qual é a relação entre isso e aquilo»? , onde se vislumbra uma causalidade ou, pelo menos, uma concomitância. São feitas, por exemplo, perguntas do tipo «qual é a relação entre tal estímulo e tal resposta»? ou «qual é a relação entre o número de tentativas e a aquisição deste ou daquele comportamento»? Uma variação desse tipo de pergunta seria: «qual é a freqüência com que isso e aquilo ocorrem simultâneamente, ou sofrem variações simultâneas e paralelas»? Por exemplo: qual é a relação entre nível sócio-econômico e freqüência de uso de uma biblioteca?

Giorgi mostra como, ao adotar-se essa conjugação método-conteúdo, ainda está-se tomando uma compreensão muito definida sobre o que seja mundo, o ser humano, e as relações entre o ser humano e o mundo, sem que isso seja explicitado, ou nem mesmo, muitas vezes, compreendido. Essas relações são, a priori, aquelas postuladas pela visão de um universo quantificável.

Ao postular o conceito de abordagem, Giorgi traz para o território mais restrito da pesquisa aquilo que a Filosofia Fenomenológica aponta como «atitude natural» do pensamento em geral. Diz ele: «Ao estabelecer a categoria de «**abordagem**» queremos levar em conta o próprio pesquisador na produção científica. Entende-se por abordagem o ponto de vista fundamental em relação ao homem e ao mundo que o cientista traz, ou adota, com respeito a seu trabalho como cientista, seja esse ponto de vista explicitado ou permanecendo implícito» (1970, p. 126). Suas ponderações avançam na direção da compreensão de que o trabalho científico deva realizar-se através de uma interação explicitada entre método, conteúdo e abordagem.

O grande mérito do trabalho de Giorgi parece-me estar mais no âmbito de uma atitude geral do que no dos procedimentos metodológicos concretos. Nessa direção, e seguindo as reflexões da Filosofia Fenomenológica, há todo um esforço no sentido do resgate da confiança naquilo que os processos perceptuais naturais — despidos de qualquer superposição de instrumentos artificialmente construídos — possam oferecer ao conhecimento. O que se busca é a reconquista da confiança em que os fenômenos que despertam o nosso desejo de conhecimento revelam-se em sua natureza e significados básicos, tal qual são. Basta que saibamos relacionar-nos com eles de forma sistemática — ou seja, identificando e neutralizando a atuação de nossos próprios preconceitos — para que eles se nos ofereçam ao conhecimento a nível confiável e transmissível. Ainda no âmbito dessa atitude geral, parece-me fundamental a busca de uma retomada do pesquisador como agente ativo do conhecimento, e não posicioná-lo como mero coletador (supostamente neutro) de dados. O trabalho de Giorgi resultou na criação de uma metodologia qualitativa de pesquisa. Busca-se através dela alcançar toda uma gama de fenômenos impossíveis de serem interrogados pelos procedimentos habituais da abordagem científico-natural. Ao invés de poder-se questionar tão somente a relação entre variáveis, questiona-se o núcleo constitutivo dos fenômenos. Faz-se então perguntas do tipo «o que é isso ou aquilo»? Como se busca resgatar o lugar da subjetividade no conhecimento, pergunta-se também qual é a experiência vivida disso ou daquilo, exatamente do ponto de vista daquele que a vive. Abre-se assim o caminho para o conhecimento sistemático de fenômenos antes desprezados sob a alegação de serem «puramente subjetivos». Fenômenos cotidianos do tipo ciúmes, ou a experiência de ser vítima de uma ação criminal (ver Fischer, C.T.;

Wertz, F.J., 1979), ou ainda «a experiência de si próprio e de outro como velho» (Bors, D.A., 1983) passam a ser objetos de investigação científica. Olhemos no entanto mais de perto o uso que se fez da postulação da abordagem do pesquisador.

O conceito de abordagem, inicialmente tão promissor, acabou por ser usado de forma limitante, embora reconhecidamente produtiva. Se focalizo o trabalho de Giorgi mais detidamente é porque acho que seu destino não tem sido um «acidente de percurso». Pelo contrário, considero-o um bom exemplo daquilo que chamei acima de «agorafobia do pesquisador». A ampliação do território pesquisável e a riqueza de formas de fazê-lo não ocorreu na radicalidade que se poderia desejar. A explicitação dos pressupostos a partir dos quais o pesquisador trabalha tomou quase sempre a coloração de uma confissão, onde o pecado revelado era quase sempre o de «atitude natural» em face dos fenômenos e dos métodos de pesquisa. O caminho dos céus, apontado pela absolvição, é a abertura para a pesquisa de fenômenos não quantificáveis, com utilização de metodologia qualitativa. É evidente que é melhor poder-se ter acesso ao conhecimento sistemático desse território do que tê-lo vedado à pesquisa. Se antes, no entanto, denunciava-se o esclerosamento da pesquisa pelo reinado da metodologia quantitativa, corre-se o risco agora de ver-se revelada uma nova esclerose: a da metodologia qualitativa.

Retorno aqui ao ponto inicial dessa discussão, quando propus que se devesse considerar a doença do pesquisador, e não somente a doença da pesquisa. Sugeri que se diagnosticasse o pesquisador como agorafóbico. A agorafobia é um sintoma que se caracteriza pelo medo ansioso de espaços abertos. Para controlá-lo o doente restringe seus espaços de trânsito na vida; con-

finar-se. Em casos de ansiedade mais ameaçadora, além de confinar-se, a pessoa desenvolve defesas obsessivas: ritualiza seus modos de lidar com as demandas do cotidiano de forma tal que a liberdade vê-se reduzida a um mínimo. Sabemos que é o desejo de segurança, de pertencimento, de garantia da aprovação do outro, que inspira e rege boa parte dessa armadura defensiva. A comparação que aqui sugiro, guardadas as devidas proporções, é a de que nós pesquisadores, quando nos vemos padecer de empobrecimento em nosso trabalho, estamos também ritualizando a pesquisa para sentirmo-nos mais agasalhados no consenso daquilo que já é considerado verdadeiro. Ao trilharmos assim caminhos já repisados, chegamos a lugares que não nos trazem surpresas e que, ao final, nos entendiam.

Ao chamar a esse problema de doença, posso ter dado a impressão de tratar-se de algo que se pudesse evitar; que a liberdade completa seria a meta desejável. Sabemos que isso não existe. Qualquer possibilidade concreta de trabalho implica a adoção de um ponto de vista em face da realidade: uma abordagem. O que se propõe e se discute é a tomada de consciência dos usos doentes, defensivos, do movimento que deveria ser dinâmico entre abordagem, método e conteúdo. Propõe-se o resgate do momento de origem de qualquer pesquisa genuína, qual seja, o desejo de saber, a curiosidade. Não há nada mais paradoxal do que a curiosidade confinada. Se a curiosidade está viva, os modos de fazê-la expressar-se de forma a produzir conhecimento compartilhável — a metodologia de pesquisa — podem ser criados de acordo com aquilo que se deseja saber; e não o contrário: começar-se pela adoção deste ou daquele método e aí ir buscar o que se pode ou não descobrir com seu uso.

Toda a reflexão que fizemos até aqui não estaria completa se não nos dirigíssemos mais uma vez ao pesquisador. Afinal, minha proposta inicial foi a de que examinássemos a questão do empobrecimento da pesquisa a partir do empobrecimento da curiosidade do pesquisador. Seria ingênuo que receitássemos para essa doença algo que despertasse a curiosidade, algo no gênero de um tônico para abrir o apetite de crianças que se alimentam mal. Podemos, no entanto, tentar localizar impedimentos para o desejo mais rico na formulação de perguntas aos fenômenos e na criação de recursos metodológicos originais. Assim, toda pesquisa deveria ter início numa reflexão apoiada no uso radical do conceito de abordagem proposto por Giorgi e citado acima: uma reflexão que revelasse não somente os pressupostos a partir dos quais o pesquisador aproxima-se de determinado fenômeno, mas a própria aproximação do fenômeno, sua escolha e, conseqüentemente, a não escolha de outros. Dessa forma, o resgate da subjetividade para a praxis da pesquisa concretizaria uma compreensão razoavelmente clara, de que pesquisar é também pesquisar-se pesquisando. Essa trilha do resgate da subjetividade esbarra inevitavelmente em nós cegos da percepção de cada um. Não há como negar isso após a revelação do inconsciente trazida pela Psicanálise. No entanto, seguindo os passos do próprio Freud, o que se pode fazer é identificar os núcleos de resistência e, na medida do possível, buscar superá-los. Essa é talvez uma das maiores riquezas da pesquisa desenvolvida por Freud: a construção da Teoria Psicanalítica a partir da observação clínica sistemática e em diálogo e confronto com a própria análise de seu autor. A direção que aqui se nos revela é a análise de um fenômeno em interação com a análise do pesquisador ao analisar o fenômeno. Fica aqui a sugestão.

This paper discusses the question of the impoverishment of research in Social Sciences, taking Psychology as an example. It focuses the propositions made by Amedeo Giorgi towards a qualitative research method, based on the guidelines presented by Phenomenological Philosophy. It concludes for the necessity of raising questions concerning not only with difficulties that the researches face with respect to method, but also related to their chances of being curious.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BORS, D. A. Experiencing oneself or another person as old. *Journal of Phenomenological Psychology*, New Jersey, 14:91-104, 1983.
2. FISCHER, C. T. & WERTZ, F. J. Empirical phenomenological analysis of being criminally victimized. In: GIORGI, A.; KNOWLES, R.; SMITH, D. L., ed. *Duquesne studies in phenomenological psychology*. Pittsburgh, Duquesne University Press, 1979. v. 3.
3. GIORGI, A. *Psychology as a human science — a phenomenologically based approach*. New York, Harper & Row Publishers, 1970.
4. GIORGI, A. Phenomenology and experimental psychology I. In: GIORGI, A.; FISCHER, W. F.; VON ECKARTSBERG, R., ed. *Duquesne studies in phenomenological psychology*. Pittsburgh, Duquesne University Press, 1973. v. 1
5. GIORGI, A. Phenomenology and experimental psychology II. In: GIORGI, A.; FISCHER, W. F.; VON ECKARTSBERG, R., ed. *Duquesne studies in phenomenological psychology*. Pittsburgh, Duquesne University Press, 1973. v. 1.
6. GIORGI, A. The experience of the subject as a source of data in a psychological experiment. In: GIORGI, A.; FISCHER, W. F.; VON ECKARTSBERG, R., ed. *Duquesne studies in phenomenological psychology*. Pittsburgh, Duquesne University Press, 1973. v. 1.

7. GIORGI, A. Convergence and divergence of qualitative and quantitative methods in psychology. In: GIORGI, A.; FISCHER, C. T.; MURRAY, E. L., ed. **Duquesne studies in phenomenological psychology**. Pittsburgh, Duquesne University Press, 1975. v. 2.
8. GIORGI, A. An application of phenomenological method in psychology. In: GIORGI, A.; FISCHER, C. T.; MURRAY, E. L., ed. **Duquesne studies in phenomenological psychology**. Pittsburgh, Duquesne University Press, 1975. v. 2.
9. HUSSERL, E. **The Crisis of European science and transcendental phenomenology**. Evanston, Northwestern University Press, 1970.
10. ROMANYSHY, R. D. The attitude of science and the crisis of psychology. In: GIORGI, A.; FISCHER, C. T.; MURRAY, E. L., ed. **Duquesne studies in phenomenological psychology**. Pittsburgh, Duquesne University Press, 1975. v. 2.